

**Paulo Borges**  
**PRESENÇA AUSENTE**  
A SAUDADE NA CULTURA  
E NO PENSAMENTO PORTUGUESES /  
NOVA TEORIA DA SAUDADE  
Lisboa, Âncora Editora / 2019

Concebido no seguimento de dois anteriores trabalhos do autor, *Da Saudade como Via de Libertação* (QuidNovi, 2008) e *Uma Visão Armilar do Mundo* (Verbo, 2010), este recenseado por nós nesta mesma revista, o presente livro de Paulo Borges divide-se em duas partes bem distintas — a primeira, «A Saudade na Cultura e no Pensamento Portugueses», toda dedicada ao comentário e à exegese do motivo da saudade em textos e autores do passado, e por isso capaz de aproximação às cingentes leituras que fez no livro de 2010, e a segunda, «Nova Teoria da Saudade», um tríptico analítico com uma visão pessoal sobre o assunto e que retoma muitas das ideias presentes no livro de 2008.

É inquestionável o interesse da primeira parte deste trabalho, a mais substancial em termos quantitativos, já que ocupa 270 páginas das 320 do livro. Trata-se talvez do primeiro estudo sistemático da presença da saudade ao longo de cerca de oito séculos de criação cultural em Portugal, dos cantares galaico-portugueses à pintura de Lima de Freitas. Surgem aí os seguintes autores: Dom Dinis, Dom Duarte, Frei Sebastião Toscano, Luís de Camões, Frei Agostinho da Cruz, Padre António Vieira, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Sampaio Bruno, Teixeira de Pascoaes, António Sérgio, Leonardo Coimbra, Fernando Pessoa, Joaquim de Carvalho, Sílvio Lima, José Marinho, António José Saraiva, Dalila Pereira da Costa, Eduardo Lourenço e Lima de Freitas. Ao conjunto é necessário juntar o nome de Carolina Michaëlis, que em 1914, em plena campanha

saudosista, deu a lume um notável e decisivo estudo filológico sobre a evolução fonética da palavra saudade.

As duas dezenas de capítulos que constituem este primeiro tronco do livro dividem-se em duas estirpes distintas: a dos poetas que poetaram a saudade, dos cancioneiros medievais a Fernando Pessoa, e a dos pensadores que com o antecedente de Dom Duarte ensaiaram no século xx uma fenomenologia da mesma. As vias da poesia e da filosofia convergem nos fins mas divergem nos meios. A primeira expressa-se pelo mito e a segunda através do pensar conceptual. Parece-me fora de dúvida que o autor sente mais sua, até por formação, a segunda do que a primeira. Daí não ter sentido necessidade duma reflexão sobre o mito e daí ainda o privilégio dado à lírica, que sem urdidura de fábula, sem intriga de história e de acção, Aristóteles se escusou até a incluir na *poética*. Embora parente do canto, a lírica é a mais filosófica das expressões poéticas, aquela onde a máxima e o aforismo brilham por si, sem outros engastes. Mesmo no comentário feito à terceira das epnáforas de Francisco Manuel de Melo, a *Amorosa*, tão propícia no tanto que tem de narrativo a destacar uma tessitura mítica saudosa, Paulo Borges prefere atentar apenas nos parágrafos enunciativos, os excursos do narrador que não fazem parte da história aí contada, a de Roberto Machim e Ana de Arfet, e constituem antes apartes com valor nocional. O mesmo se pode dizer para o capítulo onde aborda a poesia de Pascoaes, em que só lhe interessam passos líricos de enunciação singular. Ao tocar o grande poema de 1911, *Marânus*, deixa de lado a trama dramatizada ao longo de centenas de versos, a de Marânus, Eleonor e a Saudade, personificada esta num ente activo e ilustrativo, com valor icónico de símbolo, para se dedicar apenas às sequências da responsabilidade do

narrador, em especial os três versos finais.

Deixando de lado a ausência do mito e a natural desproporção no trabalho entre pensadores e poetas, escolhendo destes quase só o que têm dos primeiros, outra questão a aferir na abordagem desta parcela do livro é a justeza dos autores e textos seleccionados. É incontestável que uns e outros se mostram pertinentes para um conhecimento da saudade na cultura portuguesa. São notórias porém as ausências de autores e textos cruciais. Limitamo-nos a destacar duas na cadeia do século XVI: Gaspar Frutuoso, autor de *Saudades da Terra*, um texto historiográfico atípico da década de 80, onde o descobrimento da ilha da Madeira sofre um tratamento idêntico ao que Francisco Manuel de Melo lhe deu depois, e Bernardim Ribeiro, o poeta mais decisivo no tratamento da saudade no século XVI português, embora a modernização da palavra pertença a Garcia de Resende nas «Trovas» que fez «à Morte de Dona Inês de Castro...», vindas a lume no *Cancioneiro Geral* de 1516. A ausência de Bernardim carrega outra mais crucial até do ponto de vista metafísico, que tanto importa ao fio interno do livro em apreço, a de Samuel Usque, autor de *Consolações às Tribulações de Israel* (1553), que chegou já a ser dado e não sem argumentos dignos de ponderação como autor da obra de Bernardim. O livro de Usque é decisivo para aquilo que aqui está em jogo. Foi ele o primeiro que modernizou na prosa portuguesa a palavra saudade. Tal modernização não levou no seu caso ao abandono dos arcaísmos, que pontilham a sua escrita numa explosão de formas gráficas com diferenciação semântica. Não existia antes um rigor assim, já que os autores precedentes — Garcia de Resende no texto atrás citado é um bom exemplo — usam as várias formas gráficas com idêntico sentido ou sem sequer nele atentar. A principal novidade do livro de

Usque, um tratado religioso publicado numa tipografia que se dedicou quase só às obras apologéticas, a mesma que imprimiu as obras de Bernardim, é porém estabelecer um patamar anagógico para a saudade, dando-lhe pela primeira vez um sentido unitivo e metafísico. Desconhecer a obra de Usque, não atender ao que nela há de saudade, levou Paulo Borges a ver em Frei Sebastião Toscano, que publica só em 1568, o «iniciador da leitura metafísica da saudade» (55). Ora tudo aponta para que seja na teologia criptojudáica de Usque — e criptojudáica porque o seu livro foi escrito já em português — que radica a primazia desta leitura. É admirável como a palavra saudade, nas variegadas formas em que se declina no livro de 1553, da primitiva «soledade» à modernizada «saudade», passando pela «soedade» dos cancioneiros e pela mais sibilina e enigmática «suydade», serve ao autor para traduzir os diversos degraus da ligação e da separação da criatura e do criador. Nunca nenhuma outra palavra estranha ao hebraico se parece ter ajustado tão bem aos propósitos da espiritualidade judaica.

Sobre esta primeira parcela do livro, que intenta ser uma exegese diacrónica passo a passo do tratamento da saudade na literatura, na filosofia e na arte ao longo de oito séculos de cultura e criação, não se pode senão estranhar o salto que se dá do Padre António Vieira, no século XVII, para Junqueiro, no final do século XIX. São quase dois séculos de hiato, sem um único estudo de fundo. Conhece-se a tese de Joaquim de Carvalho de que o século XVIII português, marcado pela obra reformadora dos estrangeirados, foi indiferente ao tratamento da saudade. Lendo a poesia dos árcades, parte dela bebida em Camões, é impossível subscrever a tese. Basta a leitura dum poema como «Ídílio» de Domingos dos Reis Quita para se

perceber como a saudade continua enraizada entre nós no século de Verney e de Pombal. A fractura dos modelos científicos e pedagógicos e a ruptura das formas de pensar e de viver foram muito mais críticas e fundas nessa época em Portugal do que a descontinuidade do poético e da poesia, assegurada que esta foi por moldes anteriores sempre venerados — de António Ferreira a Camões e de Francisco Álvares do Oriente a Rodrigues Lobo.

Tome-se por fim a segunda parte do livro, a «Nova Teoria da Saudade», onde o autor ensaia uma visão pessoal **do tema**. Também aqui não se nega o interesse geral destas páginas e até a novidade da sua abordagem como quando no terceiro painel do tríptico elabora a «suydade» como experiência abissal de «sy» — o «eu» profundo que é «só o que é», livre do «eu» de superfície. Mas mesmo no plano em que o autor se coloca, o da análise e não o do pensamento mítico, talvez o único apto a superar a clivagem entre sujeito e objecto que tanto lhe interessa, as aporias não deixam de vir ao de cima. A ideia duma saudade como momento absoluto em que tudo é vazio, incluindo a saudade, que assim desaparece, só faz sentido se nesse mesmo movimento se aceitar a presença plena da saudade. Esta não se manifesta apenas na cisão; no momento da união, no momento mesmo em que nada se espera ela também irrompe. «Matar saudades» não é liquidá-las mas alimentá-las. O mesmo se dirá para aquela experiência derradeira em que se compreende tudo «sem pensar, dizer ou imaginar nada» (282). Tal estado só como clímax e explosão da imaginação pode ser encarado e teorizado.

Nenhuma destas minhas observações, quer sobre a primeira parte do livro quer sobre a segunda, põem em causa o soberano interesse deste trabalho, patente nos neologismos que o autor cunhou e no seu

livre exercício de dilucidação etimológica que o tornam um digno sucessor da cadeia diacrónica que Carolina Michaëlis estabeleceu no admirável estudo de 1914.

*António Cândido Franco*

[O Autor segue a antiga ortografia.]